

A GUERRA DO RIO: Até o desemprego é desigual: taxa de 9,9% nas áreas de luxo sobe para 19,1% nas mais pobres

Pesquisa mede abismo entre asfalto e morro

Quem vive em bairros ricos da cidade trabalha 5 horas a menos e ganha 5 vezes mais que morador de favelas

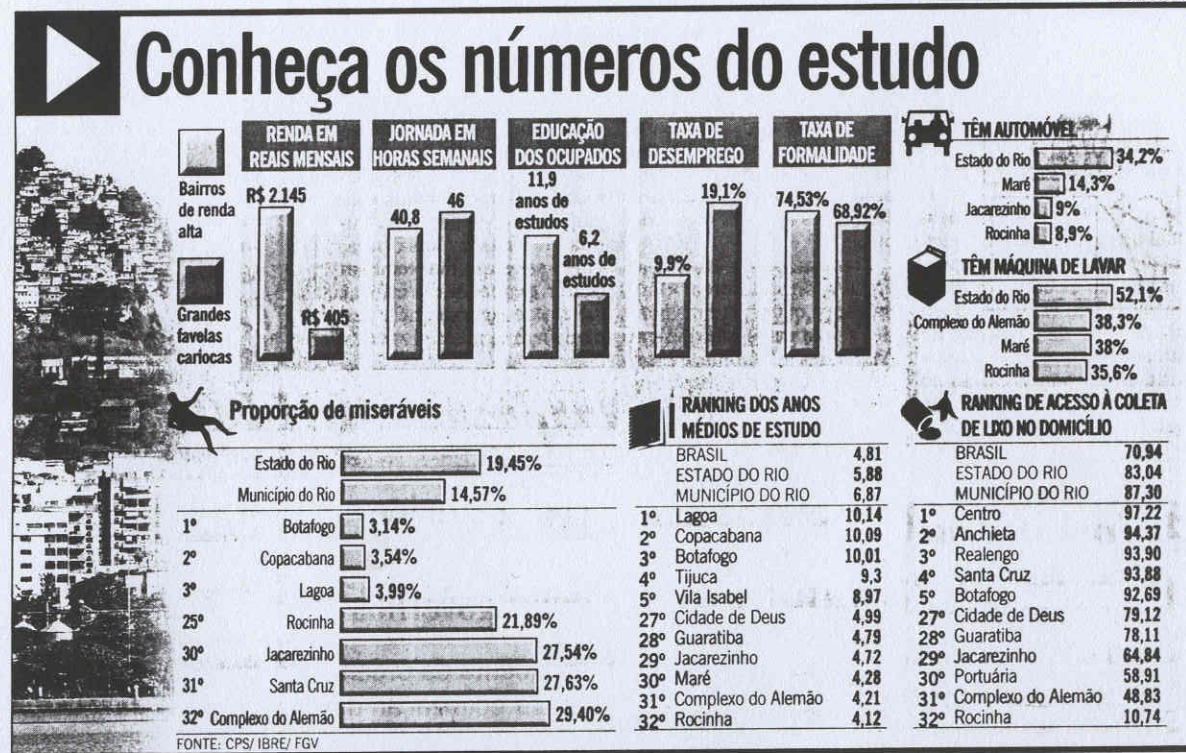
Paulo Marquero

• O apartheid social que separa morro e asfalto no Rio é traduzido em números por um estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), feito em parceria com a Ação da Cidadania e o Banco Rio de Alimentos, do Sesc. De acordo com o "Mapa do fim da fome II", lançado ontem, moradores das cinco regiões mais ricas da cidade (Lagoa, Barra, Botafogo, Copacabana e Tijuca) trabalham cinco horas a menos do que os moradores de cinco grandes favelas cariocas: Rocinha, Jacarezinho, Maré, Complexo do Alemão e Cidade de Deus. Mas têm renda cinco vezes maior.

Os contrastes entre regiões às vezes tão próximas ficam claros também em outros indicadores. Nos bairros de alta renda, os moradores têm em média 11,8 anos de estudo. Já os moradores das favelas estudam em média 6,2 anos, praticamente a metade. Outro dado dramático diz respeito às taxas de desemprego: 9,9% nos bairros ricos e 19,1% — quase o dobro — nas favelas.

Rocinha tem a mais baixa escolaridade do Rio

O estudo mostra também que a Rocinha, protótipo da "Favela Zona Sul", não difere significativamente de outras comunidades pobres da cidade. Seus moradores têm a mais baixa taxa de escolaridade do Rio: média 4,1 anos de



estudo contra 10,1 na Lagoa. É a quarta pior renda (R\$ 434).

— A Rocinha é tão pobre como as outras favelas e, em alguns aspectos, até mais pobre — afirma o professor Marcelo Neri, coordenador do estudo. — O acesso à educação é o mais baixo. E hoje a capacidade de se conseguir emprego está relacionada à educação.

O pesquisador comparou pessoas de mesmo sexo, idade,

escolaridade e raça que moram na Rocinha e na Lagoa e chegou a uma conclusão surpreendente: mesmo neste caso, os moradores da Lagoa têm renda 90% maior do que os seus pares da Rocinha.

— Nós não sabemos exatamente o que está por trás disso. Pode ser discriminação. Ou pode ser alguma coisa ligada à questão da ilegalidade fundiária ou outro fator qualquer.

De acordo com o "Mapa do fim da fome II", o município do Rio tem 14,6% de miseráveis, o que significa 855 mil cariocas. Segundo Marcelo Neri, a pesquisa considera como miserável a pessoa que tem renda familiar per capita de até R\$ 79. No estado, a proporção é maior: 19,45%. Ou seja, existem 2,7 milhões de fluminenses vivendo abaixo da linha da miséria.

O trabalho mostra cami-

nhos: erradicar a miséria na capital custaria cerca de R\$ 34 milhões por mês e, no estado, R\$ 109 milhões. Neri enfatiza que o problema poderia ser resolvido também com solidariedade. Segundo ele, se cada carioca contribuísse com R\$ 5,90 por mês, seria possível tirar essas pessoas da miséria.

Em relação às regiões do Rio, a pesquisa mostra que Botafogo, Copacabana e Lagoa (que

inclui os bairros de Ipanema e Leblon) têm a menor proporção de miseráveis da cidade: 3,1%, 3,5% e 3,9% respectivamente. Já o maior percentual de miseráveis é encontrado no Jacarezinho (27,5%), em Santa Cruz (26%) e no Complexo do Alemão (29,4%), a região mais pobre, onde um em cada três moradores vive abaixo da linha da miséria. Na Rocinha, a proporção de miseráveis é de 21,8%, ou seja, 12 mil de seus 56 mil moradores estão abaixo da linha da pobreza.

Niterói tem a maior renda de todo o estado

Em relação ao Estado do Rio, o levantamento mostra que os moradores de Niterói detêm a maior renda (R\$ 1.100), seguidos pelos cariocas (R\$ 985). Macaé, a meca do petróleo, aparece em terceiro lugar (R\$ 775) no ranking de renda. Petrópolis, na Região Serrana, surge em quarto lugar (R\$ 733). A quinta posição é de Angra dos Reis (R\$ 678).

Nova Friburgo, na Região Serrana, tem a menor proporção de miseráveis, segundo o estudo da FGV: 8,75%. Em seguida, no ranking, aparecem Niterói (11,3%) e Macaé (12%).

Na outra ponta do ranking, está o município de São Francisco de Itabapoana, no Norte do estado, onde praticamente metade dos moradores está abaixo da linha da pobreza.

• BRASIL TEM 56 MILHÕES DE MISERÁVEIS na página 29